

# PONTO VÍRGULA



Helena Almeida, EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

As mulheres  
e o conhecimento | P. 7

N.º 6

VI série

março  
2021

EDUCAÇÃO



@PVnaEscola

## Árvores

Árvores, flores,  
E todas estas cores,  
Brilhantes e vivas  
Transbordam dentro de mim  
Numa saudade infinita.

A saudade que sinto,  
É tão grande como o mar que vejo,  
E como as árvores que um dia trepei  
Mas que me fizeram muito feliz.

Saudade, que sentimento tão contraditório.  
Torna-me feliz pelo que vivi,  
Triste pelo que já não volta mais.

Há vezes em que me sinto perdida  
Como todas as folhas que pelo chão passam,  
Outras vezes, o tom claro do céu  
Faz-me querer voar mais alto.

**Daniela Lála**  
EBS/PE da Calheta



## Parlamento Jovem um dia que nunca esquecerei

E se tivesses a oportunidade de retorquir contra o que achas errado e seres ouvido? Parece-te estranho? Eu sou aluna do Parlamento Jovem. Foi uma experiência que fica para o resto da vida. Sempre gostei muito de história, mas aquela aula de história não foi só uma aula, foi uma porta que se abriu para mim.

No ano passado, fui convidada para participar no Parlamento Jovem, cujo tema da edição era a 'Violência doméstica no namoro'. Naturalmente, fiquei logo sensibilizada e cheia de ideias para propôr medidas sobre o tema. No entanto, a possibilidade de ser suplente deixava-me nervosa, mas quando soube que ia estar em plena Assembleia Regional, a falar para um grande público jovem, tão perto do Secretário Regional de Educação e podendo fazer-lhe uma pergunta, o meu coração transbordou de alegria e satisfação. Toda a minha equipa "transpirou" de entusiasmo, pois foi um momento deveras emocionante, importante e também esclarecedor sobre o tema debatido. Todas as escolas tiveram de contribuir com três medidas para acabar com a violência doméstica e a escola Gonçalves Zarco não foi exceção.

Tentámos estruturar três propostas, num universo quase infinito de sugestões que poderíamos dar. Confrontámos os nossos colegas, fomos confrontados e ficámos apurados para ir a Lisboa expor as medidas vencedoras e representar a Madeira. Infelizmente, tal não foi possível devido à pandemia, mas teremos a experiência por videoconferência, neste ano 2021. De qualquer forma, é um sonho tornado realidade estar neste leque tão ínfimo e poder defender, a todo o custo, as medidas que a Madeira tem para oferecer.

Este tema serve para que tentemos evitar possíveis casos de violência doméstica no namoro, neste caso, e mostrar que – de facto – bater, discutir e agredir verbal e/ou fisicamente são evidências claras de estar numa relação abusiva; a solução é sair dela antes que seja demasiado tarde. Nenhuma mulher ou homem precisa de passar por isso. Abraça a tua saída e a tua nova vida. Sê Feliz!

**Eva Oliveira**  
EBS Gonçalves Zarco  
(Funchal)



# Editor... por um dia

E se pudéssemos escrever sobre o que quiséssemos da maneira que preferíssemos?

Ora, talvez não seja assim tão fácil como parece.

Na verdade, quando possuímos muita liberdade nunca sabemos como podemos tirar proveito da mesma, não fosse a queda da ditadura o melhor exemplo disso.

Normalmente, associamos a liberdade ao poder e este, por sua vez, a algo positivo. Contudo, o poder não está ao alcance de qualquer um. Como mulher, sou capaz de reconhecer a sorte e o privilégio que me foi atribuído simplesmente por ter nascido nesta época.

De facto, tem sido uma longa caminhada para estes elementos tão nobres, mas oprimidos pela sociedade, de modo que hoje tenham a possibilidade de ser alguém, possuindo dignidade e respeito acima de tudo.

Porém, este percurso ainda está muito longe de se encontrar concluído, pois a desigualdade de género continua arraigada em nós e precisaremos seguramente de continuar a lutar, de derrubar o patriarcado\*.

Podemos ler mais sobre este assunto em dois textos interligados sob o título 'As mulheres e o conhecimento' onde são retratados tanto a triste realidade do antigamente, como a ascensão e o reconhecimento público de algumas mulheres cientistas.

Citando Oscar Wilde, «provede às mulheres as oportunidades certas e elas serão capazes de qualquer coisa».

(\*) Em poucas palavras, podemos reconhecer o patriarcado como uma organização social onde o domínio e a autoridade são exclusivamente masculinos. Neste regime, os homens são detentores de todo o poder.

**Jacinta Melim**  
EBS de Santa Cruz



Giulia Nunes, ES de Francisco Franco

## Divino rosto de terreno encanto

Mármore pele, de suave encanto  
Que lhe esculpe o rosto de um limpo puro,  
Assim lhe na face forma o lindo manto  
Que sempre por perto na vida apuro.

Cabelo em bravos mares, ruivos fios  
Que me o olhar inundam de ledó espanto...  
E encarnadas margens dos beijos-rios  
Que me afundam o ser de os querer tanto...

Olhar de esculpídos castanhos montes  
E nariz de uma grega geometria.  
Uma beleza singular, cuidada...

E ainda desta sorte duvido as fontes:  
De ver o que até Afrodite em si qu'ria,  
De ter a menina por Deus traçada!...

**David Pestana**  
ES de Francisco Franco  
(Funchal)

## Aos organismos quase racionais

Somos frações de momentos,  
Delírios da existência frenética a que nos habituámos.  
Supostamente amarrados ao afeto, mas  
Convenientemente entranhados num dilúvio de ódio.

Surdos à dor de outros,  
Convencemo-nos de que somos Homens.  
Esqueçamo-nos do chão alimárias, estamos a cair para  
A certeza de que amar não somos nós.

Precisamos de arranhar os nossos dias  
Com minutos de carinho que se desdobrem em mais. Sempre mais.  
Envolvermo-nos com sentimentos que não sabíamos que tínhamos.  
Perseguir o que de melhor temos. Continuamente.



**Laura Mata**  
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva  
(Funchal)

## A pandemia e a saúde mental



Assistimos, no dia 26 de fevereiro, via Meet, a uma palestra sobre a saúde mental em tempos de pandemia, por Joana Câmara. Esta psicóloga exerce a sua profissão, mas continua a estudar para melhorar o seu conhecimento desta problemática. Trabalha diariamente com pessoas que vivem situações de doença difíceis, a quem tenta dar o apoio psicológico que tanto desejam. Inicialmente, fez-se uma pequena avaliação psicológica – através de uma ligação fornecida para o efeito – em que se abordavam questões específicas: «como nos sentíamos em tempo de pandemia» e «se nos encontrávamos na zona verde ou zona vermelha da ansiedade/depressão», por exemplo. Participaram nesta atividade alunos de uma turma de décimo primeiro ano e outra de nono ano.

Foram lançadas diversas reflexões sobre esta temática e de como ela é compreendida: – «Será que ter doença mental é não ter saúde mental?». Após algum debate, chegou-se ao consenso e considerou-se entender que ter saúde mental se tratava de ter bem-estar, de superar situações difíceis na vida, e que a saúde mental não pode ser dada como garantida, pois é algo que pode mudar com o tempo e muitas vezes sem aviso. Refocados no contexto de pandemia, a preletora questionou o que o SARS Cov2 trouxera de mal: que limites colocara à liberdade, como não se poder sair de casa a toda a hora ou o uso de máscara... Foram colocados sobre a mesa aspetos tidos como positivos, como as novas práticas de atividade física, o maior contacto familiar, as aprendizagens diferentes num contexto de aula na rede.

Por último, propôs uma reflexão sobre o que dava saudades. O que não valorizávamos ou passámos a valorizar? Como é que o estresse a todos afetava? Ao terminar, deixou alguns conselhos de como superar o estresse: viver um dia de cada vez; ter uma rotina de sono para recuperar do cansaço; evitar o uso do telemóvel antes de dormir... Esta apresentação faz ver como em tempos de pandemia também se pode falar de temas tão importantes e sentidos por muita gente, em especial os jovens, e que estes temas não devem marinar escondidos nos medos da sociedade. Se não permitimos que as paredes nos separem, um ecrã pode fazer a ponte libertadora em tempos de pandemia.

**Eva Oliveira**  
EBS Gonçalves Zarco  
(Funchal)

**«Será que ter doença mental é não ter saúde mental?»**

# Concurso Escolar

Se és aluno do  
Ensino Secundário,  
participa na tua  
escola!

## Renovação



Íris Dionísio  
EBS Padre Manuel Álvares  
(Ribeira Brava)

#Ilustração



grande  
ideia



## #InvestigaçãoHistórica

## #Fotografia

### Inalcançável

### A festa do "Santo do Amor" em Santo António da Serra

Santo António é venerado há séculos em diversas zonas do país, entre as quais a minha terra, Santo António da Serra. Em meados de junho, esta freguesia celebra a festa do seu padroeiro que, segundo a lenda, ali apareceu a um mouro que trabalhava para Diogo Saldanha, nobre responsável por colonizar esta zona, hoje denominada Santo António da Serra, para lhe devolver um novilho que fugira do rebanho que vigiava. O Santo encomendou-lhe, como prova de gratidão, a edificação de uma ermida. Quando o mouro relatou ao seu senhor o milagre, este não acreditou na aparição divina. Santo António surgiu, então, em sonho ao nobre, pedindo-lhe que erguesse a tal ermida em troca de proteção à gente daquele local.

Diogo Saldanha tratou de fazer cumprir o desejo. Escolheu um local para edificar o santuário. O gado que transportava o material para a construção teimava, porém, em parar num determinado sítio. Era ali que o santo queria a ermida.

No seu santuário, o padroeiro fazia milagres, privilegiando as jovens. Estas, de tão belas que se faziam por causa do santo, eram cortejadas por rapazes vindos de toda a região para casarem com elas. Fazia-se, assim, justiça à fama de casamenteiro deste Santo que via, anualmente, uma concorrida romaria à sua ermida suplicando a bênção de casar.

E tal foi a afluência de peregrinos ao lugar sagrado que mais tarde, em 1808, alguns comerciantes ingleses, instalados no Santo da Serra, mandaram edificar uma casa destinada a abrigar os romeiros que ali vinham. Antes disso, no século XVII, foi estabelecida a sede da paróquia, cuja capela foi reedificada com as proporções atuais em 1851.

Atualmente, a Festa decorre nos moldes comuns aos arraiais madeirenses. A 13 de junho celebra-se a missa na presença do andor com a imagem do padroeiro e, no mesmo dia, caso seja fim de semana, ou no fim de semana seguinte, realiza-se a procissão. O andor é adornado com cravos. O pároco é quem abre o cortejo. Seguem-se-lhe os festeiros, raparigas e rapazes solteiros que financiam os festejos, a banda e todos os fiéis que o desejarem. Comes e bebes nas típicas barraquinhas fazem as delícias dos peregrinos, animados ao som de bandas e do grupo folclórico local, refletindo o convívio do religioso com o profano tão característico da ruralidade. Os festejos estendem-se pela noite dentro, proporcionando momentos de alegria que perduram ao longo de gerações, entre as quais a minha. Eu, aliás, sou testemunha dessas tradições, pois pertenço a uma família cujos membros têm apadrinhado os festejos, o que é, para os naturais do Santo, uma grande honra.

Em suma, a festa de Santo António celebra não só o padroeiro, mas também as nossas raízes e a nossa natural afetividade e alegria, ou não fosse "Santo Antoninho" o santo do amor.

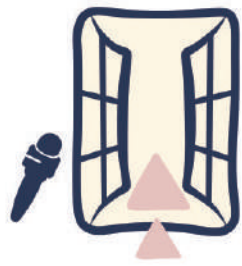
#### Bibliografia:

Pio, M.F. (1967). Santa Cruz da Ilha da Madeira. Funchal  
Sarmiento, A.A. (1953). Freguesias da Madeira. Funchal  
Silva, F.A.; Meneses, C.A. (1998). Elucidário Madeirense. Funchal

**Sara Andrade**  
ES de Francisco Franco  
(Funchal)



**Eduardo Gomes**  
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo  
(Câmara de Lobos)



## #Reportagem

### Projeto de Cidadania e Desenvolvimento 'Direitos Humanos – Segurança, Defesa e Paz'

*Em Portugal, as crianças ainda são vítimas de bullying por terem dificuldades de aprendizagem, por falarem uma outra língua ou por professarem uma outra religião. Por isso, queremos apelar ao seu lado mais humano.*

Tudo começou no âmbito da construção do Projeto de Cidadania e Desenvolvimento, na nossa turma, com a orientação da professora Susana Calaça. Analisámos todas as opções e o tema mais votado foi 'Direitos Humanos: Segurança, Defesa e Paz'. Surgiu-nos a ideia de entrevistarmos pessoas "diferentes". Após explicarmos o propósito do nosso projeto, cinco alunos concordaram em participar: uma aluna com surdez; uma sul-africana com dislexia; e ainda três rapazes da Venezuela, Síria e África do Sul. Foi-lhes perguntado se alguma vez foram discriminados e como se sentiram nessa situação. Todos os entrevistados partilharam mensagens de esperança para as pessoas que sofrem algum tipo de discriminação. Elas não estão sós. Também aconselharam que não devemos mudar quem nós somos. "Somos únicos".

Aquando das entrevistas, ficámos tristes porque não tínhamos a noção da gravidade deste assunto. Devido às suas "diferenças", os alunos tiveram dificuldades de integração, pois eram constantemente julgados. E sofreram muito. Por isso, o nosso trabalho ganhou um sentido de OPORTUNIDADE ainda mais forte. Queremos cumprir o nosso objetivo: passar a mensagem de que escolher praticar o bem não é só um ato essencial do nosso dia a dia, é também SER humano, que nos possibilitará viver num espaço melhor, mais rico, promovendo a integração, a empatia e o respeito por todos. Foi possível destapar uma realidade que nem todos experienciamos, para que nos consigamos colocar no lugar do "outro". A transformação social é o nosso maior desafio.

#### O PRODUTO FINAL

A apresentação de um vídeo com compilação de gravações, em que os alunos revelam situações em que se sentiram discriminados por diferentes razões é o produto final. O vídeo será divulgado nas diversas plataformas digitais da escola (página oficial do Facebook e site da escola).

Optámos por incluir no nosso trabalho um vídeo de um outro projeto que contou com o contributo de todos os alunos da escola – "Jerusalema Challenge" – para promover um ambiente de inclusão num lugar onde é possível qualquer pessoa criar e desenvolver relações positivas com os colegas e onde todos se sentem bem recebidos: a Escola Jaime Moniz.

**Verónica Kryvohubchenko**  
ES de Jaime Moniz  
(Funchal)



## #Poesia

### Para mim

Oh, como é bom vivermos na conformidade

Oh, como é bom vivermos na conformidade.  
Sem questionamentos, rodeados de reciprocidade  
Liberais, felizes e contentes,  
No fundo dá Deus nozes a quem não tem dentes.

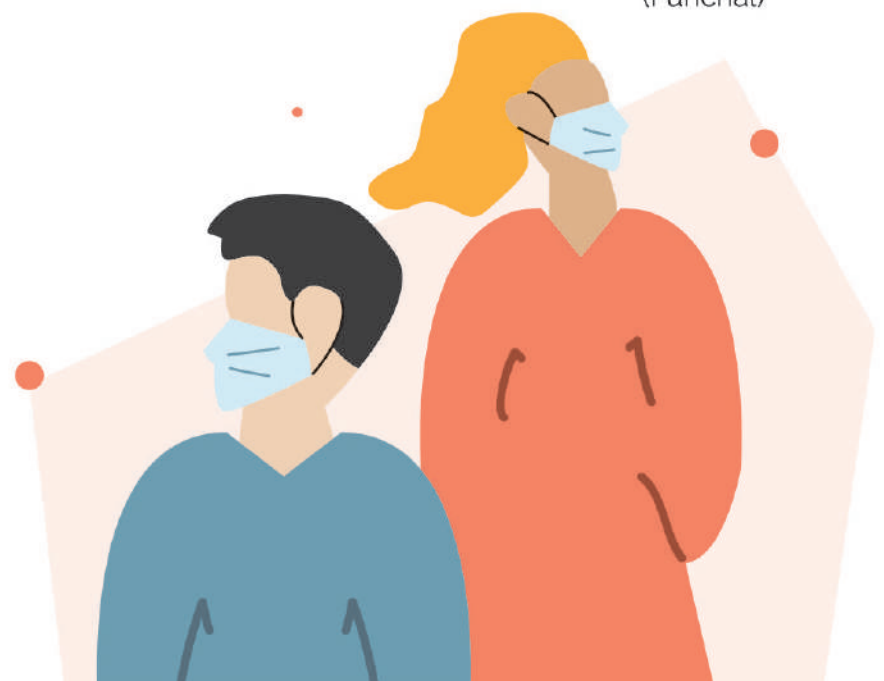
E agora criámos um sentimento de animosidade.  
Seres incompreendidos  
Com fome de individualidade.

Dá-nos fé um ser abstrato  
Banhado em ouro e bem carecido num retrato.  
Pelo menos temos ao que nos agarrar  
Desta maneira, a angústia há de passar.

E se isto for uma ilusão da mente?  
Oh, ficará em aflição toda a gente!  
Divergentes num planeta de afetos  
Protegidos do exterior, pelos nossos tetos.

Intelectuais são os racionais,  
Os que tudo questionam,  
Sem medo da realidade,  
Pois não se contentam com a conformidade.

**Sara Nunes**  
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva  
(Funchal)



## #Conto



### Uma nova oportunidade

Mafalda era uma jovem de dezoito anos, três deles vividos ao lado de Pedro, um rapaz alto e moreno. Aos olhos dos amigos era simpático e meigo, dentro de quatro paredes era o tormento de Mafalda.

Esta relação acabara quando Mafalda conhecera Juli. Conheceram-se no primeiro ano do curso de Psicologia. A partir daí, tornaram-se inseparáveis. Passavam muito tempo juntas a estudar na casa de Juli, e foi aí que Mafalda conheceu Miguel, o irmão da sua amiga. Tinha dezanove anos, era ruivo e federado pela seleção nacional de andebol.

Com o passar do tempo, Mafalda e Miguel criaram uma amizade bastante próxima. Ela via nele um confidente, um porto seguro, tendo acabado por desabafar com ele o lado da sua relação com Pedro, que poucos conheciam.

«Tudo começou quando tinha quinze anos, estava numa turma nova, não conhecia ninguém além do Pedro, o que me fez aproximar dele. Com o passar do tempo, apaixonámo-nos e namorámos três longos anos. No início, era uma relação saudável, a típica relação invejada por todos. Até que tudo mudou drasticamente... O Pedro tornou-se frio, controlador e abusivo. Deixei de passar tempo com os meus amigos, o que no início achava normal, porque pensava que ele só queria passar tempo comigo. Afinal de contas, era a sua namorada, a sua menina de ouro. Passámos cerca de dez meses assim, até que tudo piorou. Um dia tive de me reunir com uns colegas de turma para um trabalho e, logo a seguir, quando fui ter com ele, o Pedro ali presente não era quem eu conhecia.

Vi um Pedro diferente, sombrio, e foi nesse momento que um ataque de ciúmes veio ao de cima. Ele simplesmente ficou furioso porque eu tinha estado com outros rapazes, e foi aí que senti a sua mão na minha cara... O ardor não foi o que me magoou, mas sim saber que já não conhecia quem estava à minha frente. A relação continuava a piorar, mas não tinha ninguém para me ajudar. Submeti-me a isso até conhecer a tua irmã, que me apoiou a dar fim a tudo isto.» Esta amizade perdeu-se ao longo dos meses. Os dois sentiam-se atraídos um pelo outro, mas nenhum sabia como agir. Miguel tinha medo de magoá-la, e Mafalda tinha receio de passar pela mesma situação, mesmo conhecendo Miguel e sabendo que este nunca a faria passar pelo mesmo que Pedro. Miguel não tinha de esperar que Mafalda sarasse a ferida. Podia simplesmente ir embora e procurar alguém novo. No entanto, esteve sempre presente na vida de Mafalda, a tentar com que esta se sentisse confiante o suficiente para embarcar numa nova relação. Cada dia, com pequenos gestos, mostrou a Mafalda que merecia essa oportunidade e, ao fim de poucos meses, Mafalda sentia-se finalmente preparada para dar uma nova oportunidade ao amor. Sabia que não merecia estar presa ao passado e que um futuro junto de Miguel poderia ser uma nova chance de ser feliz e de aprender o que é estar numa relação saudável.

E foi assim que um novo amor surgiu, uma nova oportunidade de ser feliz e de crescer junto de alguém que mostrou que é sempre possível ser amado.



**Maria Beatriz Mendes**  
EBS/PE da Calheta

## #Ilustração

### Quem me espreita?



**Fábio Mendes**  
EBS da Ponta do Sol



## #Poesia

### Estranho saber

Quando eu me lembro do que sei,  
Quando eu estranho saber,  
Quando eu reflito sobre a sabedoria,  
A sabedoria que a vida me fez viver,

A lembrança dos bons momentos,  
Momentos aqueles que relembro,  
Relembro com eterna alegria e calor,  
No coração, alma incandescente...  
Tão bons momentos...  
Quase a saudade mata!  
Quase a lágrima cai!  
Por saber que a lembrança não volta...

Saudade de ti, momento!  
Eterno, mas longinquo...  
Saudade eterna e longa de ti...  
Momento que agora,  
lembrança és.

Às vezes custa lembrar...  
Lembrar algo tão bom!  
Que me deixa tão triste...

Queria replicar-te, momento.  
Queria clicar e dar "replay",  
Veze e veze sem conta!  
Porque talvez, assim,  
De tanto tentar,  
Me sinta mais enlaçada em ti.

Momentos são...  
São pessoas,  
Lugares,  
São coisas simples,  
Olhares,  
Coisas complexas,  
Perdoares,  
Seres de todo o tipo,  
Viajares.  
Momentos... são lembranças.

**Sara Freitas**

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral  
(Santana)

## #Fotografia

### A realidade de 2021



**Raquel Vieira**  
EBS de Santa Cruz





## #Reportagem

### Seminário internacional em tempo de pandemia

No dia 2 de setembro de 2020, tive a oportunidade de representar a Escola Básica e Secundária de Machico no 'Seminário Ibero-americano Online Nós Propomos', e participei na sessão 'Os alunos falam'. Apesar de ter sido realizado via Meet Google, o possível na conjuntura atual, foi gratificante poder estabelecer relações e partilhar as minhas opiniões com alunos de diferentes partes do globo – México, Colômbia, Peru, Brasil, Espanha e outras regiões de Portugal – que também integraram este projeto. Partilhámos como procedemos às diferentes etapas que constituem este projeto, nomeadamente as fases de tratamento e organização da informação, de redação e de organização do trabalho, entre outras. Eu e o meu grupo abordámos as Levadas como tema do nosso projeto, estes percursos pedestres que caracterizam a Ilha da Madeira e que são candidatas a Património Mundial da UNESCO.

Criámos um Museu virtual, cujo título é 'LEVA-te à Descoberta', onde disponibilizamos os roteiros de percursos pedestres de interesse no nosso município, a história da construção deste património inserido no Património Mundial Natural (Laurissilva), entre outras curiosidades de enriquecimento cultural sobre a nossa ilha. Sentimos a necessidade de o criar visto constatar, após algumas pesquisas, que a informação sobre as Levadas da Madeira se encontrava dispersa em vários sites e plataformas para o efeito; sendo estes monumentos candidatos a Património Mundial da UNESCO, faria todo o sentido homenagear os heróis anónimos que os construíram, e valorizá-los. Ainda tivemos a oportunidade de realizar uma palestra, denominada 'A Rota da Água', aos alunos do 1.º ciclo da Escola EB1/PE e Creche Engenheiro Luís Santos Costa, bem como uma exposição acerca dos 'Benefícios da Conservação da Natureza e

da Biodiversidade'. O Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN) teve um papel fundamental, porque forneceu todo o material necessário para tornarmos o tema do nosso projeto visível aos olhos de todos. Pretendíamos e pretendemos reforçar a importância da conservação do nosso Património natural – as nossas Levadas – e da sua limpeza, a fim de transmitir uma boa imagem da nossa ilha a todos os que nos visitam. Considero esta uma das experiências mais enriquecedoras em que participei. Foi uma partilha única, que veio reforçar a rede ibero-americana. Ficarei eternamente agradecida à minha professora Cristina Duarte, que me apresentou este projeto inovador e que me proporcionou esta experiência inesquecível.

**Leonor Martins**  
EBS de Machico



## #Ilustração



Assim nasce uma ideia...



**Patrícia Soares**  
EBS D.ª Lucinda Andrade  
(São Vicente)

## #Conto

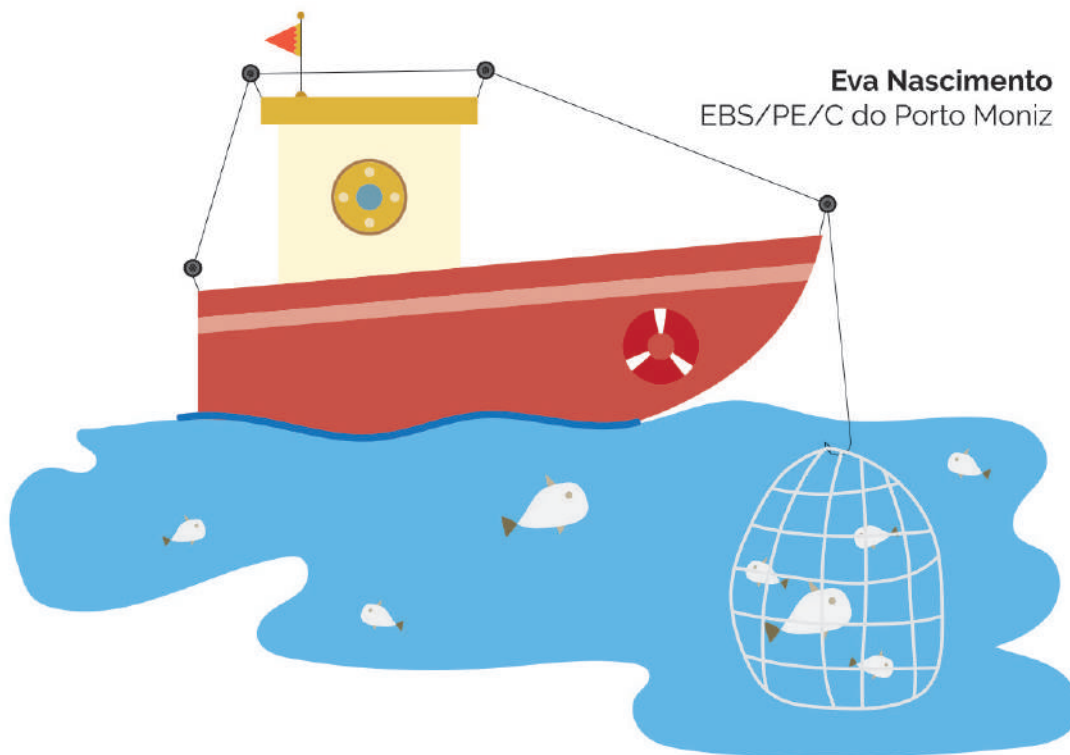
### Mar, o sustento das minhas gentes

Nasci de uma terra simples, aprendi de gentes simples, e, nessa simplicidade de ser, dei por mim a ser um dos raros abençoados que tem a honra de chamar o mar de quintal. Desde o início dos meus dias vivi uma realidade de tal perfeição que chega a desafiar o próprio conceito de realidade. Da janela do meu quarto via as canoas partirem, barcos, que à descoberta, levavam os homens além-terra e gaiivotas que, num voo raso se aproximavam da água de forma majestosa.

Naquelas tardes quentes de verão ouvia a minha avó a contar as alegrias e amarguras que o mar lhe havia trazido desde tenra idade. Contava, com orgulho no olhar, que o seu pai saía bem cedo e ia pelo mar fora para conseguir sustentar uma família inteira. A sua mãe, em terra firme, fazia o almoço e rezava para que o pudesse entregar. Quando se aproximava a hora da partida juntavam-se todos no cais para ver e admirar aquele ritual de todos os dias, mas que, por se parecer com uma dança, fazia valer a pena cada segundo de contemplação. Os pescadores já aposentados e ainda com o reflexo do mar nos olhos esboçavam um sorriso e acenavam com a cabeça, lembrando-se do tempo em que eles próprios ocupavam o lugar principal daquele espetáculo que, ao longo do tempo, nunca foi perdendo a graciosidade. Amigos próximos e desconhecidos chegavam-se aos que estavam prestes a partir e desejavam-lhes sorte. «Um mar chão e ventos de feição», era o mais sincero desejo daqueles que ficavam em terra.

Após as despedidas, iam ao encontro do inseguro, em escales menores do que aquilo que pescavam e, com coragem, Deus e um arpão construíram casas e criaram filhos. Do imenso azul fizeram tudo o que precisavam e, balançando-se nas ondas e unindo a cara com maresia, carregaram nos ombros a geração mais digna e pura. Ao içarem as velas ao mar, partiam sem chorar e, por saberem cantar a melodia das marés vivas, mesmo sem saber, ensinaram-me a magia do verbo navegar; por isso, a estes heróis pescadores, só tenho a dizer: obrigada! Já a ti, mar, agradeço por me sustentares a alma e por teres sido, outrora, o sustento das minhas gentes.

**Eva Nascimento**  
EBS/PE/C do Porto Moniz



## #Poesia

### Primavera de Março

As gotas caem vagarosamente  
Na janela baça pelo frio.  
E, na chegada da primavera, lembro  
(Se fechar os olhos até sinto)  
O calor teu, meu, nosso alento.

Uma leve penumbra sobre a memória  
da tua face assombra-me o pensamento.  
Neste lugar que ambos conhecemos  
Penso como foi, como é,  
Como poderia ter sido.

E dói,

Arde, corrói cada canto do meu ser,  
Saber que, porque o nosso amor  
Voou com o vento do inverno,  
O teu riso não pude ouvir  
Assim que a primavera se fez sentir.

Dói, sufoca, afogo-me nas palavras  
Que nunca cheguei a dizer,  
Que ficaram presas na lucidez da minha garganta  
E ali padeceram;  
Sem força, morreram.  
Fere-me a falta de te amar,  
Esquarteja-me a memória distante,  
Mata-me saber que amanhã não te serei nada,  
Que não me serás nada,  
Que não seremos, nesta vida, nada

Para além da primavera de março.

**Daniela Gomes**  
Escola da APEL  
(Funchal)



## #InvestigaçãoHistórica

### Dia de Todos os Santos

O Dia de Todos os Santos é uma festa comemorada anualmente a 1 de novembro em honra dos santos conhecidos e desconhecidos. É também conhecido como o Dia do Pão por Deus. Segundo a tradição, em Portugal, no dia de Todos os Santos, as crianças saíam à rua e juntavam-se em pequenos grupos para pedir o "Pão por Deus" de porta em porta: recitavam versos e recebiam – como oferta – broas, frutos secos, nozes, castanhas ou até mesmo frutas, que colocavam dentro dos seus sacos de pano.

Ainda me lembro, na primária, os professores pediam para levar um saco de pano com algumas frutas, nozes, entre outros alimentos, para podermos fazer um piquenique. Íamos para o campo da escola, fazíamos uma roda no chão, em turma. Os professores metiam música, lembrando o outono (Vivaldi), e, entre nós, trocávamos aquilo que cada um tinha trazido. Num desses encontros, lembro-me que acabei

por tirar um dióspiro. Era uma fruta que nunca tinha comido. Não o comi e guardei-o para a minha mãe, porque sabia que ela amava aquela fruta.

Os sacos de pano, onde colocávamos e levávamos os alimentos, normalmente, eram comprados. Eram sacos brancos que eram trabalhados e decorados na escola com tintas, motivos de lindas cores. Como eram sacos feitos de tecido, podíamos exprimir a nossa imaginação neles, deixando um pouco do nosso gosto e as palavras: Pão por Deus. O dia de Pão por Deus não vem dos dias de hoje. É uma tradição antiga, em que quem mais tinha repartia pão cozido pelos pobres. As crianças iam pedir – «Pão, por Deus...» – às portas para colmatar a fome e a pobreza. Reza a história que o Pão por Deus teve origem em Lisboa, um ano depois do terramoto de 1755. A tradição do Pão por Deus, antes do terramoto era outra: as famílias deslocavam-se aos cemitérios para limpar e renovar as campas dos entes queridos, levando flores para as cobrir, com

o objetivo de, durante alguns dias, alegrar o espaço em que repousavam os seus antepassados. Eram também acesas velas vermelhas e o tempo era de reflexão. Nesse dia 1 de novembro de 1756, a população mais pobre de Lisboa terá aproveitado para sair às ruas e bater à porta dos mais afortunados, e, assim, mitigar um pouco a fome. Essa atitude manteve-se e tornou-se uma tradição, perpetuando-se no tempo e espaço alfacinha e alargando-se depois a todo o território.

*Devido à pandemia que estamos a enfrentar, as festas, os momentos tradicionais e as romarias não estão a ser realizados, para um bem-estar de todos nós. Esperamos que este momento seja ultrapassado para voltarmos a ter as nossas tradições.*

#### Webgrafia

- <https://www.calendarr.com/portugal/dia-de-pao-por-deus/>
- <https://quilometrosquecontam.com/pao-deus/>
- <https://funchalnoticias.net/2019/11/01/pao-por-deus-e-halloween/>

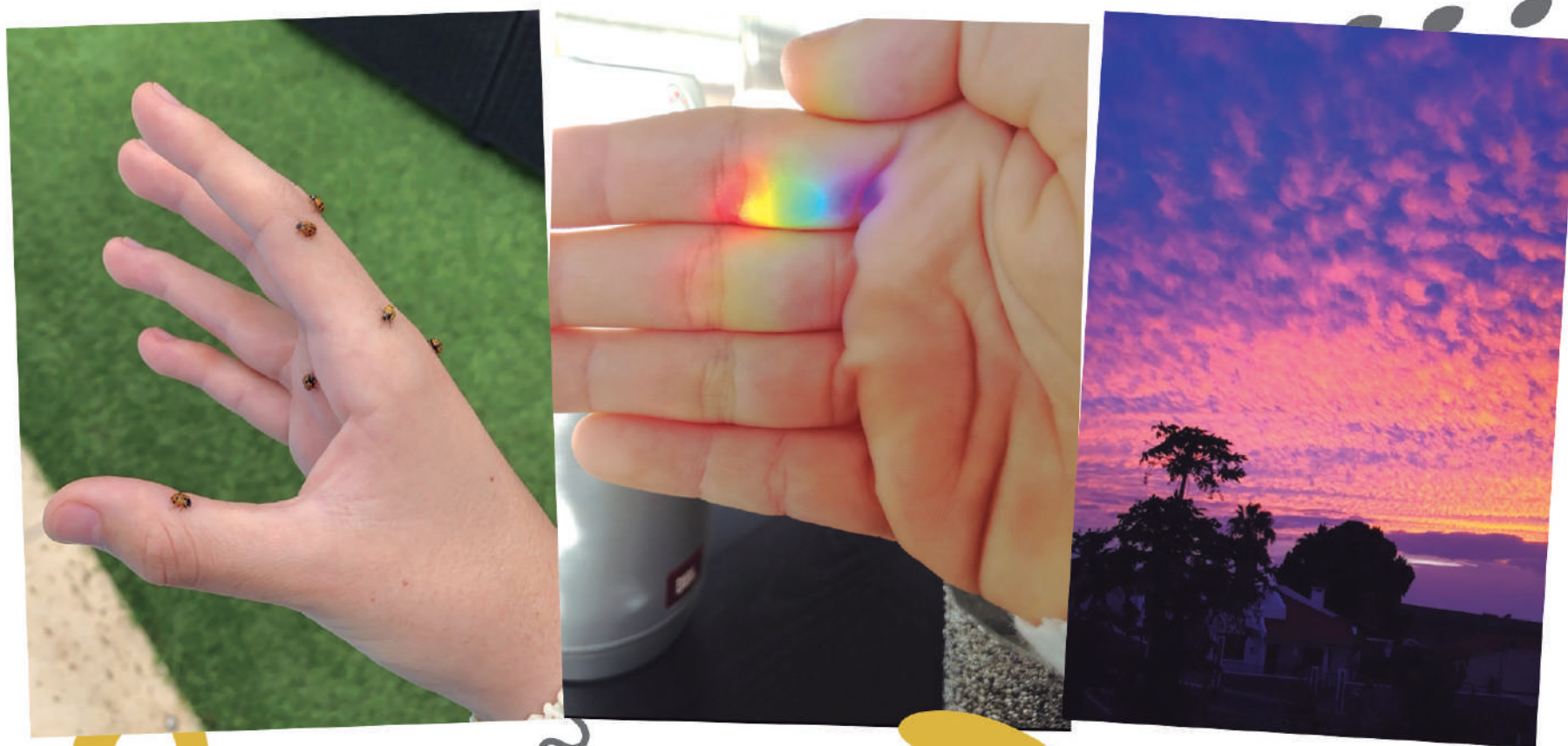


Paula Faria  
EBS Gonçalves Zarco  
(Funchal)

## #Fotografia



### Ladybug hand; Caught a rainbow; Wake up in a dream



Maria Beatriz Sousa  
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco  
(Porto Santo)

## Pequena grande Vitória



Hoje é o décimo sexto aniversário de Vitória e ela não sente grande diferença, mesmo que todos digam que é um aniversário especial. Para Vitória, é um aniversário como os outros, totalmente banal. Era sempre o mesmo, os pais metiam-na com os seus irmãos num carro e lá iam festejar com meia centena de pessoas, sabe Deus onde. Nem todas eram amigas dela; os seus amigos davam para contar pelos dedos duma mão, mas eram verdadeiros, o que realmente importa. Naquele momento, estava a receber os convidados, a receber presentes e a forçar o seu melhor sorriso, o sorriso que lhe haviam ensinado. Nem se dava ao trabalho de tentar adivinhar o que vinha dentro dos embrulhos; as pessoas são tão previsíveis que aquele jogo já se tornara enfadonho. O mínimo mesmo era terem convidado os seus amigos, mas os pais achavam que seriam envergonhados com a sua falta de classe.

Já Vitória os achava originais e com um toque de rebeldia requintada. Já tinham entrado todos? Não os contara. Contá-los seria contar carneirinhos e acabaria por adormecer. Sim, já entraram todos, todos com o atraso de elegância, como se chegar atrasado tivesse alguma elegância. Agora, estão espalhados a falar de assuntos sem importância, a rir de piadas sem graça. Está na hora de ficar num canto sozinha – a ver os outros divertirem-se, enquanto se esquecem dela – como fazia em todas as festas. Alguém se aproxima dela, devagar, com cautela. Por segundos, ela ignora-o, como se ele não estivesse lá, mas rapidamente deixa de o conseguir fazer. Vitória está com pouca paciência, o que faz com que lhe saia um antipático «O que queres?». Ele faz um sorriso sincero e estende-lhe uma flor, indo-se embora de seguida.

Tem a idade dela e é muito curioso, do ponto de vista de Vitória, mas duma forma muito irritante.

A festa tinha sido como todas as outras, tirando a peculiar oferta da flor. Aquele era mesmo um rapaz curioso. Estava em casa a olhar para a pequena flor silvestre que recebera. Qual seria o motivo para ele a ter dado? Mas que rapaz mais curioso... O pai foi chamá-la ao quarto, alguém estava à espera dela à porta. Ela foi a correr ter com quem pensava ser, a Alma, a sua melhor amiga. Mas, quando lá chegou, ficou de boca aberta. Era o rapaz curioso. – Olá, Vitória, sou o André. Como estás? Vitória ficou sem palavras. Aquele dia estava a sair da rotina a que estava habituada.

**Ângela Santos**  
EBS de Santa Cruz



## O cintilar do pensamento noturno



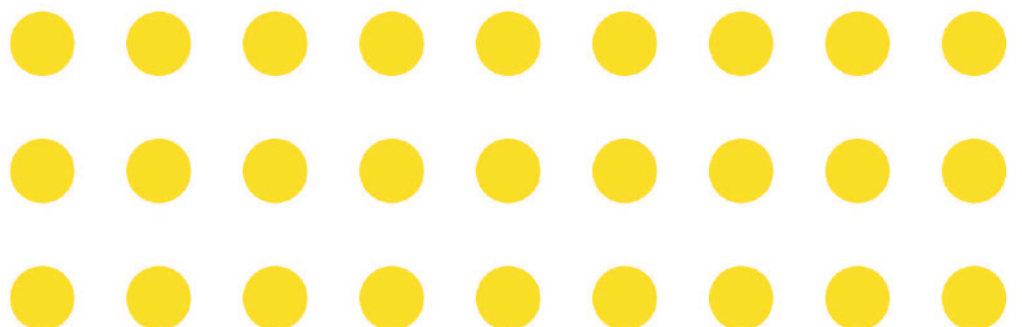
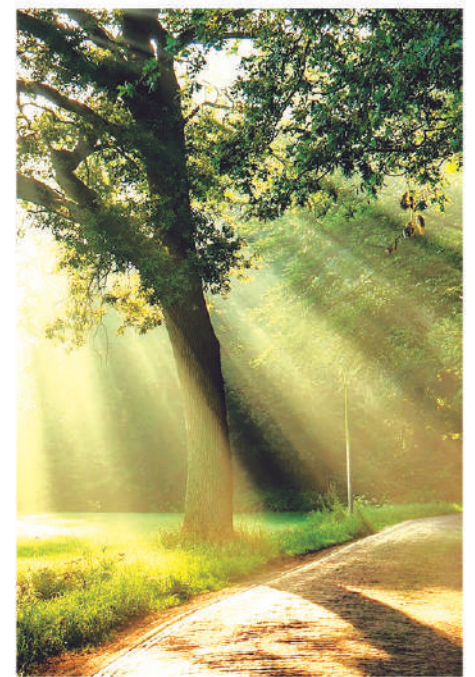
**Ana Gomes**  
EBS Padre Manuel Álvares  
(Ribeira Brava)

## Raio de Sol



Ó raio de Sol  
que passas entre as árvores,  
ilumina tudo aquilo  
que os demónios destruíram.  
Ilumina todos os anjos,  
fá-los sentir a força  
ao te olharem,  
a felicidade e a alegria de viver.  
É tudo tão simples,  
é tudo tão cruel,  
traz-nos a tua luz  
e nós transmiti-la-emos no papel.  
Ilumina a escuridão  
num dia infeliz,  
não deixes a solidão  
ferir o que já é cicatriz.

**Catarina Canada**  
EBS de Machico



# A Peste, de Albert Camus

Quem lê *A Peste*, de Albert Camus, tem a oportunidade de refletir sobre a atualidade que vivemos: a pandemia covid-19.

Ao longo da leitura, pude fazer uma comparação perfeita entre estas duas “pestes” e chegar à conclusão de que, em qualquer das situações, não estivemos preparados para o pior e para tomar de imediato as medidas de forma adequada. Uma outra semelhança entre as duas leituras – a do livro e a da realidade atual – foi a forma repentina de como a “peste” surgiu no nosso quotidiano. Achei impressionante o facto de o livro retratar uma realidade que se está repetindo na História; como por exemplo as medidas preventivas que foram impostas pelas autoridades competentes, o desespero sufocante da população e a necessidade do confinamento.

Na ação da história, como hoje, foi necessário o “exílio” em casa sem poder estar à espera da ajuda dos vizinhos, com medo ou com desespero, ou por precaução contra o perigo de contágio. Como no livro, depois de tomar conhecimento da gravidade da situação, a população afetada tomou mais consciência e começou a criticar as medidas tomadas, considerando-as insuficientes, o que se verificou em todo o mundo.

*A Peste* também fala de um facto lamentável vivido na atualidade: os funerais vigiados, cujos rituais eram abreviados no local e em que muitos foram sepultados conjuntamente. Muitas vítimas também foram cremadas. Uma ideia muito positiva que retiro da leitura é a entrega incondicional do médico Bernard Rieux com o objetivo de

encontrar, o mais rápido possível, a cura, tal como acontece hoje com aqueles que sacrificam grande parte do seu dia a dia a tentar combater a pandemia, com toda a sua força.

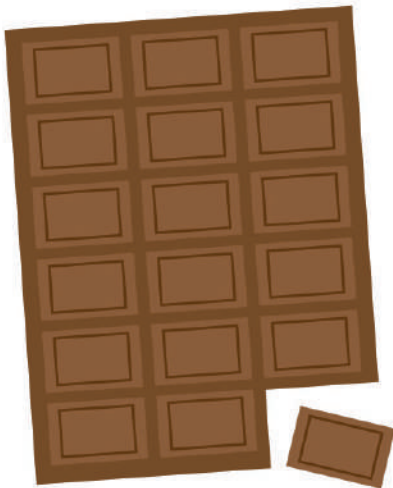
Por fim, a peste, que durou dez meses, foi vencida. A população ficou extremamente feliz ao ponto de dançar nas praças, circular mais nas ruas; os sinos voltaram a tocar e as orações foram de ação de graças; os cafés e os cinemas voltaram a encher. Espero que na atualidade a população mundial possa retomar a sua liberdade e comemorar a vitória sobre esta pandemia cruel.

Luís Lobo  
EBS da Ponta do Sol



«(...) tal como acontece hoje com aqueles que sacrificam grande parte do seu dia a dia a combater a pandemia (...)»

## \* Bolo de chocolate na caneca



Estávamos em janeiro, senti uma nostalgia dos tempos em que podia partilhar momentos gulosos com as minhas amigas, cá em casa. Foi então que pensei em voltar a ter estes momentos, adaptados a esta nova realidade que estamos a experienciar. Partilhámos o *link*, fizemos *stories* nas redes sociais, foi diferente, mas igualmente especial e delicioso.

Aqui fica a imagem do resultado, que – devo dizer – estava divinal!

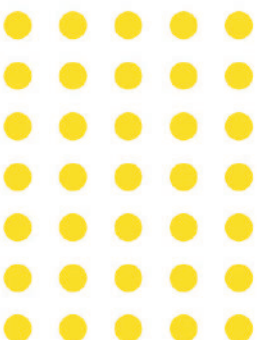
Catarina Garapa  
Escola da APEL  
(Funchal)

### INGREDIENTES

- 1 ovo de tamanho S
- 1 colher de sopa de açúcar mascavado
- 3 c. de sopa de óleo
- 4 c. de sopa de leite meio-gordo
- 4 c. de sopa rasas de farinha
- 4 c. de sopa rasas de chocolate em pó
- 1 c. de chá de fermento em pó
- 1/4 c. café de açúcar em pó

### MODO DE PREPARAR

1. Numa caneca grande, bata muito bem o ovo, o óleo, o açúcar e o leite, usando um garfo.
2. Numa taça à parte, misture a farinha, o fermento e o chocolate em pó; depois vá adicionando a mistura à caneca, mexendo sempre muito bem.
3. Leve ao micro-ondas, na potência máxima, durante 3 minutos.
4. Polvilhe com açúcar em pó e sirva diretamente da caneca.



## As mulheres e o conhecimento

### Igualdade de Género na Ciência: Luta pelo mérito

Atualmente é notório o impacto que várias mulheres tiveram na ciência através de importantes descobertas. No entanto, o processo que permitiu que estas conseguissem ter mais relevo neste âmbito foi longo e difícil. Muitas refugiaram-se no nome do marido para que as suas descobertas fossem publicadas, resguardando-se do preconceito relacionado com o seu papel na ciência. O preconceito fez com que a ciência não evoluísse tanto, pois as mulheres estiveram privadas desta área durante muito tempo.

A luta incessante das mulheres cientistas mostra que estas, apesar da desigualdade, não desistiram. Esse esforço e essa dedicação são de louvar. Muitas prescindiram da sua vida pessoal e familiar para darem o seu contributo à ciência.

Para homenagear as mulheres cientistas, a ONU, em 2016, denominou o dia 11 de fevereiro como o 'Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência'. Embora o esforço e o contributo das cientistas não devam ser celebrados apenas num dia, reconhecemos que houve uma grande evolução nas mentalidades e que este dia abre um caminho possível para as jovens interessadas na ciência. Discordamos que as mulheres não têm lugar na ciência. A própria história prova exatamente o contrário. Não é o género que nos torna mais capazes, mas sim a inteligência, a dedicação e o esforço.

**Marcelo Correia, Jorge Olim e Luana Jesus**



*Ilustração de Margarida Garcia,  
Matilde Machado e Anastasia Lintitchi*

### Curvas e contracurvas: 11 de fevereiro o percurso feminino no trilho da Ciência

O papel das mulheres nas diversas áreas da Ciência tem sido notável, sobretudo a nível internacional. Contudo, até à emancipação feminina, à conquista do direito de voto e à educação, por exemplo, foi uma árdua caminhada. Terá sido justo para as mulheres terem de lutar para obter os mesmos direitos do que os homens? A nosso ver, a desigualdade de género é uma situação imoral e antiética, uma vez que impede muitas mulheres de "brilharem" na Ciência.

Desde 1895, com a criação dos prémios Nobel, dos 934 galardoados, apenas 57 são mulheres. Encontramos discrepâncias evidentes entre os dois géneros e, muitas delas, devem-se ao fenómeno conhecido como 'Efeito Matilda'. Este pressupõe um preconceito que existia contra o reconhecimento das realizações das mulheres cientistas, cujo trabalho era atribuído a colegas homens. A primeira mulher a ganhar o prémio Nobel foi Marie Curie (arrecadando dois do mesmo género), sendo reconhecida em Física e Química, principalmente devido às suas descobertas sobre Radioatividade. A partir daí, houve uma transformação na maneira como as mulheres cientistas passaram a ser vistas, ainda que sempre com algum preconceito.

Em suma, personalidades como Marie Curie e Rosalind Franklin devem ser relembradas frequentemente, porque não hesitaram e granjearam grande sucesso. Afinal, as mulheres não merecem menos reconhecimento só por serem... mulheres!

**Andreia Nascimento, Filipe Abreu e Marta Sousa**



*Ilustração de Andreia Nascimento*

# Ao ritmo da música Oito anos de uma paixão



Desde pequena, a dança foi algo que sempre me impressionou, aquilo que sempre quis experimentar. Então, quando tinha sete anos, decidi entrar no 'Corpus', um grupo da Associação Grupo Cultural Flores de Maio. Nestes oito anos, evoluí imenso, não só como bailarina, mas também como pessoa, pois, com o passar do tempo, aprendemos novos passos, novas técnicas e aprendemos, igualmente, a trabalhar em equipa, a cooperar com os outros e a partilhar ideias, sem medo de que alguém nos vá julgar. Estou orgulhosamente contente com a minha evolução, pois lembro-me de quando comecei a participar

nos espetáculos, ao dançar alguns segmentos de músicas... e, hoje em dia, eu e os meus colegas conseguimos atuar num espetáculo de 45 a 50 minutos seguidos, com pequenas pausas (segundos) entre as músicas somente para trocarmos de roupa e recuperarmos o fôlego. A dança é uma paixão que apenas consegue ser perfeitamente demonstrada quando nos vamos libertando ao ritmo de uma música, é expressar aquilo que sentimos. Libertamo-nos da raiva, da alegria, da tristeza e expressamos o que nos vai na alma!



Ana Jaques  
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral  
(Santana)



## +CRIATIVIDADE



Em fevereiro, o prémio '+Criatividade' rumou à Ponta do Sol para distinguir o conto 'Se ontem fosse amanhã', da aluna **Paula Álvaro**. Desta feita, o professor de teatro Diogo Correia Pinto, do Conservatório – Escola das Artes, foi o responsável pela escolha do trabalho mais criativo. Parabéns à aluna e à EBS da Ponta do Sol!

*Enquanto aguardamos o regresso das aulas presenciais e a possibilidade de voltar ao Conservatório – Escola das Artes, para que os vencedores dos meses de dezembro e janeiro usufruam das suas experiências artísticas, preparámos uma surpresa... Estivemos com os vencedores. Como aperitivo, os três estudantes receberam um diário gráfico, entre outros materiais, e deixaram aos leitores do PV algumas palavras sobre o que os motiva para a escrita.*

### Beatriz Mendes, EBS da Ponta do Sol

Este texto teve como inspiração o conto 'George', da escritora Maria Judite Carvalho, que li em sala de aula. A 'Mar' é a jovem que provavelmente eu represento. A 'Lua', quem sabe, é uma projeção minha no futuro. No fundo, é um autorretrato. Sou quase a junção destas três personagens.



É claro que a escrita tem como subtileza darmos às palavras o significado que quisermos. Brinquei subtilmente com os vocábulos quando escrevi este texto. Refiro-me às três etapas da minha vida, embora tenha mudado alguns pormenores. Em criança, por exemplo, não era como descrevi no texto, pintei um pouco esse retrato.

### Matilde Brazão e David Pestana, ES de Francisco Franco

*Matilde, neste solo de mudança, que sementes brotam?*

Brota a semente da adaptação, brota a semente da esperança, mais do que em qualquer outro ano. Em todas as situações, podemos aproveitar para melhorar e para crescer; o contexto da pandemia não é uma exceção.

*David, se pudesses fazer uma regra para todos, qual seria?*

É uma pergunta difícil porque toda a regra que impomos aos outros tem o risco de ir contra a subjetividade de cada um e os seus princípios. Mas, se pudesse escolher uma coisa o mais democraticamente possível, seria ler poesia, porque a poesia pode ser concreta e ao mesmo tempo metafórica. No solo de mudança, a poesia poderia ser uma semente!



E tu, ainda podes participar na edição de abril! Então já sabes, coloca o teu talento à prova. O próximo '+Criatividade' pode ser teu.